

NIETZSCHE E A LINGUAGEM

Ivanaldo Santos*

Resumo:

O objetivo desse artigo é apresentar de forma introdutória a discussão realizada por Nietzsche sobre a linguagem. Para isso será apresentada de forma sucinta a crítica desse filósofo a verdade, o conceito que o mesmo desenvolveu sobre a linguagem e, por último, a discussão que ele realizou sobre a linguagem. Por fim, afirma-se que em Nietzsche a linguagem é o elemento essencial para a manutenção da vida humana. Em grande medida, a linguagem é doadora de vida ao homem. E isso acontece porque ela é capaz de mostrar ao homem que a vida não se limita a estabilidade e a ilusão criada pela verdade.

Palavras-Chave: Nietzsche. Verdade. Linguagem.

NIETZSCHE AND LANGUAGE

Abstract:

This paper aims to present an introductory discussion held by Nietzsche on language. Thus, it will be presented in a succinct way the criticism of this philosopher, the true as well as the concept that he developed on language and, finally, the discussion that he carried out on the language. Finally, he has argued that in Nietzsche's language is essential for the maintenance of human life. To a large extent, language is the giver of life to man. And that happens because it is able to show the man that life is not limited to stability and the illusion created by truth.

Key-words: Nietzsche. Truth. Language.

1 INTRODUÇÃO

* Doutor em estudos da linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e Professor do Departamento de filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN), Pau dos Ferros, Rio Grande do Norte - Brasil. E-mail: ivanaldosantos@yahoo.com.br.

Friedrich Nietzsche é um dos grandes filósofos contemporâneos. Ele conseguiu realizar uma profunda crítica a metafísica e, por conseguinte, a tradição filosófica ocidental. Após suas críticas a filosofia teve que repensar seus conceitos e sua história. Todavia, como salienta Rivera o “tema da linguagem atravessa com uma persistência significativa e peculiar as obras de Nietzsche. É assim porque o problema da linguagem e do seu poder está presente em toda a sua crítica à história da filosofia ocidental” (2004, p. 7).

De acordo com Araújo (2007, p. 89) a discussão que Nietzsche realizou sobre a linguagem influenciou importantes filósofos do século XX como, por exemplo, Heidegger, Foucault e Merleau-Ponty. Já Guervós demonstra que em Nietzsche existe uma profunda reflexão sobre a “relação entre dança, pensamento e linguagem” (2003, P. 83). Nietzsche foi o pré-cursor de muitas das reflexões sobre a linguagem que atravessaram o século XX. Conhecer sua perspectiva sobre a linguagem é, de certa forma, conhecer os fundamentos das discussões travadas neste século sobre a linguagem. É por isso que o objetivo desse artigo é apresentar de forma introdutória a discussão realizada por Nietzsche sobre a linguagem. Para isso será apresentada de forma sucinta a crítica desse filósofo a verdade, o conceito que o mesmo desenvolveu sobre a linguagem e, por último, a discussão sobre a linguagem.

2 NIETZSCHE E A CRÍTICA A VERDADE

Para iniciar a apresentação da discussão travada por Nietzsche é preciso passar rapidamente pela crítica que o mesmo realiza a verdade. Como enfatiza Braga no “projeto de transvalorização dos valores, Nietzsche ataca a pretensão da linguagem de ser veículo para a cristalização da verdade” (2003, p. 71). Ele questiona a necessidade que o homem possui de ter verdade, de alcançar a verdade. Em *Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral*, § 1, Nietzsche conceitua a verdade da seguinte forma:

As verdades são ilusões cuja origem está esquecida, metáforas que foram usadas e que perderam a sua força sensível, moedas nas quais se apagou a impressão e que desde agora não são mais consideradas como moedas de valor, mas como metal.

Para Nietzsche a verdade não passa de ilusão. E essa ilusão nasce, em grande medida, do

desejo humano de encontrar uma relação adequada entre a palavra e o objeto. Entretanto, ele afirma em *Considerações extemporâneas*, § 26, que o ser humano não possui domínio da palavra. A palavra é fugidia. Quando o homem pensa que dominou a palavra, ela já fugiu do seu controle. Por causa disso o homem nunca domina a palavra e, por conseguinte, nunca possui a verdade. O que o ser humano possui é uma crença sobre os objetos. O homem pensa que conhece as coisas em si mesmas. Sobre essa questão ele afirma, em *Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral*, § 1, “acreditamos saber algo das coisas em si mesmas, quando falamos de árvores, de cores, de neve e de flores e, entretanto, não possuímos nada mais que metáforas das coisas, que de nenhum modo correspondem às entidades originais”.

Para ele o que o homem unicamente possui é uma vontade de verdade, mas não a verdade em si. Essa vontade de verdade “decorre do sentimento do homem de basear a sua prática de vida em parâmetros estáveis, sólidos, negando, portanto, o caráter fundamental do mundo, ou seja, o seu estado de contínua transformação” (BITTENCOURT, 2005, p. 254). Dentro de uma realidade onde só existe transformação e mudança a linguagem não é uma ferramenta capaz de expressar a verdade. Na perspectiva nietzschiana só uma criatura, ao mesmo tempo, ingênua e arrogante como o ser humano pode acreditar que é possível existir a verdade.

Para Nietzsche a vontade de verdade é fruto da metafísica que nasceu na Grécia antiga com Sócrates e ao longo dos séculos foi propagada pelo Ocidente. Por isso, toda a história da metafísica é simultaneamente a história da busca do homem pela verdade. O problema é que a verdade não passa de pura ilusão. A verdade é uma ilusão que gerou outra ilusão, ou seja, a metafísica.

Segundo Nietzsche, em *Além do bem e do mal*, § 20, é por causa dessa dupla ilusão, isto é, a metafísica e a verdade, que o homem vive aprisionado pelo “encanto da gramática”. Esse encanto é a tentativa do homem encontrar uma similitude entre a palavra e o pensamento, entre a palavra e o objeto. É a constante ilusão humana de que a palavra pode representar perfeitamente o objeto e, com isso, ser possível descrever a realidade.

Entretanto, para Nietzsche jamais o homem encontrará essa similitude. E a causa disso é o fato da linguagem não se enquadrar dentro da vontade de verdade do homem. Ela ultrapassa todos os esquemas metafísicos criados pelos filósofos ao longo da história. A linguagem não pode ser aprisionada dentro de um conceito metafísico. É por esse motivo que a linguagem não pode ser verdade ou parte da verdade. Simultaneamente a linguagem é anterior e posterior a verdade.

3 O QUE É A LINGUAGEM?

Na *Gaia ciência*, § 354, Nietzsche afirma que a linguagem surgiu a partir da necessidade de conservação da existência humana. Ela se desenvolveu por meio do intelecto com o intuito de estabelecer a associação entre os homens. Neste caso, ela “não surgiu em função da verdade, ou com o fim de esclarecer a verdade” (RIVERA, 2004, p. 10).

Para Nietzsche a origem da linguagem não está ligada a verdade, a metafísica e a qualquer outra forma de cosmologia racional criada pela filosofia no Ocidente. Pelo contrário, todas essas concepções teóricas são formas de negação da linguagem. Toda a grande teoria criada pela filosofia para falar da linguagem não passa de uma forma de *não-falar*, ou seja, é uma impossibilidade de afirmar qualquer coisa sobre a linguagem. Sobre essa questão Araújo ressalta:

Em Nietzsche a linguagem surge de modo disperso e enigmático, no qual a pergunta sobre quem fala, tem como resposta: é a própria linguagem, a *significação não é obra de um sujeito*, não é possível que um sujeito detenha os códigos de significação. (ARAÚJO, 2007, p. 88, itálico no original).

Para ele a linguagem é um organismo vivo que não pode ser teorizado por um sujeito qualquer. Ela é um enigma, no qual o ser humano não pode decifrar. Resta ao homem apenas aceitá-la. A pergunta: o que é a linguagem?, não pode ser respondida com uma teoria, mas unicamente com a palavra *enigma*. É por causa disso que, para ele, só a linguagem pode falar da própria linguagem. Em sua essência a linguagem é enigma e qualquer teoria metafísica desenvolvida pelo homem “não pode representar a essência dos objetos” (BITTENCOURT, 2005, p. 252), mas apenas realiza comentários sobre a linguagem. Em hipótese alguma ela fala algo sobre a essência dos objetos.

4 NIETZSCHE E A LINGUAGEM

Para Nietzsche já que a metafísica e, por conseguinte, a pretensa verdade produto da filosofia não pode representar a essência dos objetos, então é necessário admitir que a linguagem não possui o poder de representar universalmente o homem, os objetos e a realidade. Se a linguagem possui algum tipo de universalidade, essa universalidade não é a mesma da metafísica. Trata-se de um tipo de universalidade que ainda não foi descoberta, e provavelmente nunca será, pela metafísica.

Em *Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral*, § 1, Nietzsche afirma que a linguagem é a “primeira metáfora”, ou seja, a linguagem é a metáfora que possibilita ao homem construir todas as coisas que estão dentro da sociedade (arte, ciência, religião, etc). Tudo que existe dentro da vida social é metáfora e, por conseguinte, interpretação. Em *Além do bem e do mal*, § 22, ele afirma que até as leis construídas pelos físicos são interpretações, logo também são metáforas.

Em Nietzsche a metáfora é uma forma – e talvez a única forma – do homem pelo menos apontar para novas possibilidades dentro da existência e da vida social. Já que não podemos saber exatamente o que é a essência dos objetos e não temos acesso à verdade, então não podemos saber o que realmente é a linguagem. Ela apresenta-se ao homem como metáfora, como enigma. Sendo assim, a metáfora é a única forma do homem pelo menos se aproximar da linguagem e, simultaneamente, poder construir e destruir objetos dentro da vida social. Com isso, a existência e a vida social só podem ser pensados enquanto metáforas. Neste sentido, se o homem deseja ter uma experiência com a linguagem, essa experiência só é possível mediante a metáfora.

Todavia, é necessário perguntar: se a perspectiva de Nietzsche está correta como explicar que o homem vê e conhece os mesmos objetos a séculos? Como explicar a estabilidade das coisas?

Para Nietzsche o homem utiliza o poder criador da linguagem, por meio da metáfora, para nomear os objetos e criar uma ilusão de estabilidade existencial e social. O homem olha para a história e vê a estabilidade, ou seja, durante séculos os objetos tiveram os mesmos nomes. Essa estabilidade ganhou mais força com o advento da verdade produzida pela metafísica. Entretanto, tudo isso é ilusão. De um lado, a ideia, ou melhor, a ilusão da estabilidade é necessária porque possibilita a convivência humana. Nietzsche sabe que o homem precisa da ilusão da estabilidade para poder experimentar a vida social. Do outro lado,

é preciso ir além da estabilidade, ou seja, é preciso transformar, modificar, a ilusória noção de estabilidade criada pelo homem. Essa transformação é preciso para que o homem possa sair da ilusão criada pela verdade. O homem é um ser da novidade, da diferença e da mudança. Ele não nasceu para a estabilidade e para o conformismo. Todas as coisas que o homem criou só foram possíveis graças à negação da estabilidade. Para ele é preciso romper com a ilusória estabilidade entre pensamento e palavra, entre pensamento e objeto. Por esse motivo a linguagem não é estabilidade, mas transformação e mudança.

A partir da perspectiva de que a linguagem não é estabilidade, mas transformação e mudança é possível afirmar que Nietzsche “manifesta uma considerável semelhança com a tese nominalista” (BITTENCOURT, 2005, p. 260), ou seja, a linguagem está intimamente ligada a experiência e as mudanças sócio-culturais. Para ele a existência de toda palavra e de toda construção linguística só é possível porque o homem é capaz de superar a ilusão da estabilidade, incluindo a estabilidade criada pela verdade, e aproveitar criativamente as mudanças sócio-culturais para nomear, por meio de metáforas, os objetos, os acontecimentos sociais e todas as demais coisas que estão na realidade.

Em *Assim falava Zaratustra*, III § 2, Nietzsche afirma que a palavra não é o instrumento metafísico que revela a essência e a verdade do objeto, mas unicamente o elemento capaz de fazer o homem se recriar constantemente. O destino do homem não é a verdade ou o conhecimento dos objetos. É preciso que o homem conheça os objetos para desfrutar da vida em comunidade, mas esse conhecimento não pode escravizá-lo. É por esse motivo que ele enfatiza que a linguagem, enquanto metáfora e nunca como verdade, é uma forma eficiente do ser humano expressar seu poder criador e, com isso, afirmar a vida. Neste sentido, a linguagem só pode ser comparada com a arte. Ambas se utilizam da mudança, da metáfora e do inesperado para poder criar coisas novas. Dessa forma, a linguagem é sempre a presentificação do novo. É a afirmação da vida contra toda a morte trazida pela estabilidade.

Por fim, afirma-se que Nietzsche vê a linguagem como o elemento essencial para a manutenção da vida humana. Em grande medida, a linguagem é doadora de vida ao homem. E isso acontece porque ela é capaz de mostrar ao homem que a vida não se limita a estabilidade e a ilusão criada pela verdade. A vida é e está além de toda estabilidade e de toda verdade. A linguagem é criação e novidade. E justamente por ser criação e novidade o homem jamais poderá construir um conhecimento filosófico apropriado para a mesma. A filosofia está condenada a estar sempre numa busca ilusória sobre o que é como funciona a linguagem.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Inês Lacerda. Subjetividade e linguagem são mutuamente excludentes? IN: *Princípios*, v. 14, n. 21, jan./jun. 2007, p. 83-103.

BITTENCOURT, Renato Nunes. A natureza da linguagem na filosofia de Nietzsche e suas convergências com o nominalismo. IN: DUTRA, L. H.; MORTARI, C. A. (Orgs.). *Epistemologia: Anais do IV Simpósio Internacional Principia*. Parte I. Florianópolis: NEL/UFSC, 2005.

GRAGA, Paula. A linguagem em Nietzsche: as palavras e os pensamentos. IN: *Cadernos Nietzsche*, n. 14, 2003, p. 71-82.

GUERVÓS, Luis Enrique de Santiago. Nos limites da linguagem: Nietzsche e a expressão vital da dança. IN: *Cadernos Nietzsche*, n. 14, 2003, p. 83-104.

NIETZSCHE, Fridrich. *Além do bem e do mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. *Gaia ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. *Assim falava Zarathustra*. Lisboa: Guimarães, 1973.

_____. *Obras incompletas*. 3 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Coleção Os Pensadores).

RIVERA, Silvia. Friedrich Nietzsche: metafísica, mitologia e linguagem. IN: *Cadernos Nietzsche*, n. 17, 2004, p. 7-14.